

# Reportagens seriadas e jornalismo literário: um espaço de narrativas que apontam soluções sociais

**MONICA MARTINEZ**

Professora  
Universidade de Sorocaba (Uniso)  
Brasil  
monica.martinez@prof.uniso.br

**LEILA GAPY<sup>1</sup>**

Doutoranda  
Universidade de Sorocaba (Uniso)  
Brasil  
leila.gapy@hotmail.com



Este artigo<sup>2</sup> é resultado de uma pesquisa em nível de mestrado realizada entre 2017 e 2018, cujo objetivo foi o de estudar como as Reportagens Seriadas são desenvolvidas na contemporaneidade pela imprensa nacional escrita e como estão sendo publicadas, pelos veículos, nas versões impressa e digital. Para isso, a pesquisa foi dividida em duas etapas principais. Na primeira foi feita revisão teórica, buscando a arqueologia das duas principais vertentes deste estudo, ou seja, dos referenciais que alicerçam o Jornalismo Literário Brasileiro – que em sua raiz bebe da metodologia e produção estadunidenses, e mais recentemente da europeia. Da mesma forma buscou-se por referenciais que teorizam as Reportagens Seriadas.

Nesta busca averiguou-se a ausência de trabalhos sobre o tema Reportagens Seriadas alinhados com esta proposta (Gapy, 2017; 2018; 2019). Assim, destaca-se que a grande contribuição deste artigo para o campo dos estudos em Jornalismo e, notadamente, Jornalismo Literário, configura-se justamente na nova proposta de definição, mais precisa, bem como na caracterização dessa prática.

Uma vez que não havia consenso sobre a terminologia empregada, foi desenhada uma metodologia exploratória para a composição do *corpus* para análise. Entendida como a segunda principal contribuição deste estudo, ela consistiu a princípio na definição do lócus de pesquisa, optando-se por produções desenvolvidas

#### Pour citer cet article

#### Référence électronique

Monica Martinez, Leila Gapy, « Reportagens seriadas e jornalismo literário: um espaço de narrativas que apontam soluções sociais », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 10, n°2 - 2021, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro. <https://doi.org/10.25200/SLJ.v10.n2.2021.448>

pela imprensa escrita brasileira. Já para a triagem das peças jornalísticas foi inicialmente empreendida a busca no *Google* – portal mundial de buscas por conteúdo – da palavra-chave Série de Reportagem. Este termo escolhido é definido como “uma sequência periódica de reportagens veiculadas em jornais escritos ou televisivos que trata de um assunto em particular durante determinado intervalo de tempo, podendo ser diário, semanal ou mensal” (Folha de S.Paulo, 2018: 42).

O critério definido de seleção do corpus foi o de produções 1) desenvolvidas por profissionais graduados em jornalismo; 2) realizadas para jornais impressos com portais eletrônicos atuantes; 3) o veículo tinha de ter registro junto à Associação Nacional dos Jornais (ANJ) – entidade fiscalizadora da liberdade de imprensa no Brasil; 4) quanto à publicação, reportagens seriadas que tivessem três edições ou mais sequenciais feitas nos últimos sete anos a contar de 2018. Esta escolha se justifica uma vez que o objetivo era verificar como é feita a transposição do conteúdo do impresso para o digital dos veículos.

Devido à dificuldade de rastreamento das peças, percebeu-se a necessidade de redefinir a noção conceitual. Isso porque o termo usado, Série de Reportagens, remetia à localização de produções de suítes ou às coleções de matérias sobre um único assunto e publicadas como uma Grande Reportagem numa única edição (Gapy, 2019).

O que nos levou a optar pelo termo Reportagem Seriada por entender que definiria melhor o conceito e não permitiria dúvidas relacionadas às suítes ou grandes reportagens. Ainda assim, após a localização de algumas peças, percebeu-se também a inexistência de associação das produções com qualquer termo que comunicasse ao internauta à ideia de que a reportagem era seriada, bem como a falta de organização e vinculação entre as edições impressas e digitais.

Vale destacar que, a partir da definição termológica e do conceito, a localização do título da amostra e os contatos com os autores foram otimizados. Restou-nos saber então como eram feitas, conteúdo que será apresentado no corpo desta pesquisa.

---

## MARCOS TEÓRICOS

---

### 2.1 Jornalismo Literário

Para este trabalho adotamos o termo Jornalismo Literário (JL) porque boa parte dos estudiosos internacionais adota-o devido à ampla compreensão e também porque a falta de consenso sobre o uso do termo já foi profundamente abordado em outros estudos (Martinez, 2017). Além disso, lembramos que já há tempos

das primeiras sistematizações norteadoras, mas entendemos também que já há legitimação e repertório suficientes para tratarmos o Jornalismo Literário pelo que de fato é: uma disciplina (Bak, 2011; 2018). Ainda que também essa noção não seja consenso na academia, como revelou um *dossier* recente que convocou a comunidade internacional de pesquisadores a debater o tema (Bak; Martinez, 2018).

A respeito do repertório mencionado por Bak, o JL ganhou evidência internacional a partir dos EUA na década de 1960. Segundo Norman Sims (Martinez, 2016), o JL, até os dias atuais, muito se inspira nos escritores do século XVII que, por sua vez, criaram então o chamado Romance Histórico (Weinhardt, 1994; Andretta, 2008; 2013). No entanto, Bak (2011) destaca que o JL, na forma como o entendemos atualmente, nasceu em várias partes do mundo, em períodos distintos e/ou simultâneos; mas que as trajetórias ainda estão sendo agrupadas e em processo de compreensão. No repertório brasileiro, a demora da chegada da prensa e criação da imprensa, assim como diversas censuras governamentais, retardaram o processo evolutivo do jornalismo e do JL, por consequência (Martinez, 2016).

Em todo o mundo, boa parte da produção em Jornalismo Literário esteve em geral ligada aos movimentos de cunho social. No Brasil, por exemplo, Euclides da Cunha e João do Rio fizeram história no desenvolvimento desta modalidade na virada do século XX. Contudo, foi justamente na década de 1960, concomitante com os estadunidenses, e no caso brasileiro durante a Ditadura Militar brasileira (1964-1985), que o jornalista José Hamilton Ribeiro e outros colegas da antiga e extinta revista *Realidade*, da editora Abril, faziam JL como habilidade e recorte social excepcionais. Situação que seria depois estudada e descrita por Bak (2011; 2018).

O Jornalismo Literário e reportagem literária foram igualmente produtivos em tempos de crises sociais e políticas que um dado governo quis ou não que seu corpo político conhecesse. Há exemplos impressionantes de como jornalistas de várias nações autocráticas têm contornado ditadores, juntas entrincheiradas e caudilhos armados para produzir peças que estão em pé de igualdade com as dos jornalistas literários de nações mais livres (Bak, 2017: 236).

Histórico que mesmo tendo sido esquecido pela imprensa durante o *boom* tecnológico, emerge com força pós-internet e propõe a própria reconstrução, agora já com repertório acadêmico, inclusive (Martinez, 2016). Interessante destacar que nos últimos anos, antropofagias entre os conceitos brasileiros, estadunidenses e europeus foram ocorrendo, principalmente devido à atuação da Associação Interna-

cional de Estudos em Jornalismo Literário (IALJS, em inglês), fundada em 2006 por Bak (2011). Neste percurso, o próprio estudioso reconhece as limitações de alcançar semelhanças em cunho global, visto que a perspectiva se impõe de uma forma diferente em cada caso devido às peculiaridades socioculturais distintas de cada nação. Como exemplo, destacamos a influência britânica, que criou seu próprio *New Journalism*, na produção portuguesa, conforme relata a pesquisadora Isabel Soares:

Há autores portugueses do final do século XIX, o Eça de Queirós, o Ramalho Ortigão, o Oliveira Martins e o Jaime Batalha Reis, que estava a estudar por serem jornalistas portugueses que escreviam sobre a Inglaterra vitoriana e sobre o império britânico em guerra com o império português na África. Acontece que o seu jornalismo de crônicas sempre foi muito difícil de catalogar, e os estudiosos sempre se referiam a esse jornalismo como não-convencional. Ora, aplicando os princípios do jornalismo literário aos seus textos, percebe-se que seus artigos são nada mais nada menos do que jornalismo literário. Até porque naquela época eles foram muito inspirados no *New Journalism* britânico de W. T. Stead e da *The Pall Mall Gazette* (Soares, 2018; apud Furtado, 2018).

Da mesma forma, no caso teórico brasileiro em geral leva-se em consideração o referencial estadunidense (Bak, 2011; Hartsock, 2000; Connery, 1992), notadamente associado à fase intitulada Novo Jornalismo. Em particular referencia-se muito a obra de Tom Wolfe (1963), que foi um dos primeiros a pontuar os processos de criação – e consequentemente reflexão social – ainda na década de 1960. Segundo ele, estes envolviam quatro passos, 1) Construção cena a cena; 2) Diálogo completo; 3) Ponto de vista da terceira pessoa; 4) Descrição simbólica. Interessante lembrar que, após concluir seu manifesto, o próprio Wolfe lembrou que Balzac e Dickens já se valiam delas, ou seja, desde seu início o Jornalismo Literário teria como marca o realismo, no caso literário.

Um segundo manifesto ficou bastante conhecido no país quando da vinda de Mark Kramer em 2007 para participar de uma conferência organizada pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). O jornalista e escritor coorganizou em 1995, juntamente com Norman Sims, a antologia “*Literary Journalism: A New Collection of the Best American Nonfiction*”, onde Kramer reflete sobre os tópicos decisivos no campo da narrativa de não ficção, que para ele era: 1) Imersão; 2) Exatidão; 3) Acontecimentos rotineiros; 4) Voz autoral; 5) Estilo próprio; 6) Vários pontos de vista; 7) Estrutura e 8) Dar sentido.

Destacamos que os teóricos brasileiros, caminhando concomitantemente com esse amadurecimento externo, já produziam reflexões que norteariam a atual prática, com os primeiros passos desenvolvidos em 1993 por Lima e em 2005 por Felipe Pena, ambos influenciados pelos estadunidenses, mas com olhar na cultura brasileira. Aprimorado por Lima (2009), o manifesto de Kramer foi apresentado em dez pilares, a saber:

1. Exatidão e precisão;
2. Contar uma história;
3. Humanização;
4. Compreensão;
5. Universalização temática;
6. Estilo próprio e voz autoral;
7. Imersão;
8. Simbolismo;
9. Criatividade;
10. Responsabilidade ética (Martinez, 2008: 151-152).

Assim, a maioria dos estudos brasileiros no campo do Jornalismo Literário concentra-se na questão estética. Contudo, desde o início, alguns teóricos observaram o fato deste ser “um gênero fronteiro, que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos, como levantamento de informações, para produzir um texto bem apurado e escrito” (Martinez, 2016: 27), que envolve, inclusive, outras ciências como sociologia, antropologia, psicologia, mitologia, semiótica, neurologia. Ou seja, apontam a função social indiscutível (Domingues, 2016) e em franca expansão (Martinez, 2016), podendo ser localizado nas mais diferentes produções, inclusive na composição de narrativas curtas como obituários e haicais (Martinez, 2016), dependendo apenas da habilidade do jornalista.

### Reportagens Seriadas

Para este estudo, optamos pelo termo Reportagem Seriada por entendermos que se afina com o conceito descrito nos principais manuais de redação. “Uma sequência periódica de reportagens veiculadas em jornais escritos ou televisivos que trata de um assunto em particular durante determinado intervalo de tempo, podendo ser diário, semanal ou mensal” (Folha de S.Paulo, 2018: 42).

No que tange à escrita literária fragmentada, o termo folhetim antecede a serialização como a conhecemos atualmente. Concebido na França na década de 1830, ele se impôs como um gênero narrativo estabelecido pelo jornalista francês Émile de Girardin (1802-1881). Vale lembrar que antes disso o termo referia-se à crítica literária. Girardin observou o coeficiente entre produção e venda, percebendo que poderia tirar vantagens financeiras no desenvolvimento de folhetins, como o conhecemos, tornando-se assim, precursor do gênero.

O romance-folhetim teve sua inauguração oficial em 5 de agosto de 1836, quando o *La presse* começou

a publicar Lazarillo de Tormes em partes diárias. Com o sucesso, foi incorporado à lógica capitalista (Pena, 1996: 29 apud Souza Júnior, 2011). O primeiro folhetim publicado em português é de 1844, *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, composto de 90 partes e publicado originalmente em 1943 (Meyer, 1996: 283). Vale lembrar que os folhetins democratizaram o acesso à literatura no Brasil, o que estimulou sua produção.

A partir do momento em que o gênero foi estabelecido, ganhou papel de protagonista na história da literatura, tanto do lado dos escritores quanto do lado mercadológico dos jornais. Se de um lado estavam as “novas condição de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando” (Meyer, 1996: 59), do outro estava a experiência do consumidor poder “participar dessas aventuras e se autoidentificar com os seus personagens, tais romances quase servem de substitutos da nossa vida particular” (Bakhtin, 1998: 421).

Desde então a literatura evoluiu e o desenvolvimento dos capítulos dos romances acompanharam a transformação social, afinando a estruturação e amarração entre as peças de forma que, ainda hoje, dão ao leitor a sensação de que ele precisa prosseguir a leitura, exatamente como mencionamos a concepção dos folhetins. Segundo Souza Júnior, os primeiros romances brasileiros nasceram na sequência do desenvolvimento dos folhetins e, por consequência, gestaram os primeiros grandes romancistas tupiniquins, como José de Alencar (1829-1877) e Machado de Assis (1839-1908).

A noção de estruturação também pode ser encontrada na construção de histórias de vida em jornalismo por meio da proposta de monomito do mitólogo estadunidense Joseph Campbell (1995), que chegou aos 17 passos depois de estudar a composição do alicerce de religiões e seus simbolismos míticos relacionados à vida humana. Essa base, apoiada na vida real, serviu para que Christopher Vogler escrevesse *A Jornada do Escritor* – estrutura mítica para escritores (2015) – adaptado e usado no cinema, principalmente a partir dos anos 1980. Como exemplos, temos os filmes de George Lucas e Steven Spielberg (Lima, 2004). Em *Jornalismo Literário*, o primeiro estudo sobre a aplicação desta fragmentação foi *Jornada do Herói*: estrutura narrativa mítica para a construção de histórias de vida em jornalismo (Martinez, 2008, p. 64). Que apontam uma sequência não necessariamente linear de etapas, a saber: 1) Cotidiano; 2) Chamado à aventura; 3) Recusa; 4) Travessia do primeiro limiar; 5) Testes, aliados, inimigos; 6) Caverna Profunda; 7) Provação Suprema; 8) Encontro com a Deusa; 9) Recompensa; 10) Caminho de Volta; 11) Ressurreição; 12) Retorno com elixir

Esta proposta tem acompanhado a estruturação de romances e, posteriormente, criações do cinema e

dramaturgia, como as telenovelas brasileiras. Mercado que já percebeu que, mais recentemente, os avanços tecnológicos têm favorecido mudanças comportamentais no consumo televisivo e digital. Democratizada, desde 1997, pela pioneira no *streaming*, a estadunidense Netflix, que nasceu como locadora/vendedora de filmes pelo correio, alcançou a produção de filmes e seriados exclusivos, em 2012, abrindo caminho para Amazon, Disney e Globo Play, entre outras.

Recentemente, o vice-presidente da Netflix, Erik Barmark, em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* (Yuge, 2018), mencionou que o apego do consumidor com os personagens, aliada à possibilidade de ‘revivê-los’ sempre que desejar, conforme possibilita o portal, favorece para o crescimento de produções estendidas como séries, a exemplo de *Stranger Things* (2016), sucesso com faturamento de US\$3,8 bilhões somente em 2017.

No campo do jornalismo, destaca-se a relevância da revista *The New Yorker* (1925) na associação de Reportagens Seriadas e Jornalismo Literário, principalmente pelo fato da serialização jornalística ter bebido de fonte literária. Destacamos que a obra de Lillian Ross (1918-2017) intitulada “Filme” – publicada nos EUA em 1952 e no Brasil em 2005 pela Companhia das Letras –, é resultado de uma Reportagem Seriada publicada em cinco edições, a partir de 16 de maio de 1952, nesta revista.

A seu modo, o texto de Ross descreve minuciosamente os bastidores socioculturais da produção cinematográfica “A Glória de um Covarde”, encabeçada pelo cineasta estadunidense John Huston em 1951. Período, convém lembrar, que do ponto de vista político foi conhecido como Era McCarthy (macartismo), devido à política anticomunista encabeçada pelo senador Joseph Raymond McCarthy (1909-1957) durante os anos 1950, nos E.U.A. Filmada neste contexto, a criação hollywoodiana é baseada no romance histórico “The Red Badge of Courage – An Episode of a Guerra Civil Americana” (1895) de Stephen Crane (1871-1900) sobre a Guerra Civil Americana (1861-1865), o qual, antes de se tornar livro, também foi publicado no formato serializado pelo *The Philadelphia Press* em dezembro de 1894. Neste caso, o gênero foi chamado romance de guerra.

Outro destaque que registra um momento de transição social é a obra seminal de Truman Capote (1924-1984), “A Sangue Frio”, publicado no início de 1966, livro-reportagem resultante de uma reportagem seriada publicada em quatro edições na mesma *The New Yorker*, em setembro de 1965 (Capote, 1965). No texto, Capote relata o percurso de uma investigação minuciosa em torno de uma chacina familiar ocorrida no Kansas, em novembro de 1959.

Em termos de produção contemporânea, um projeto multimídia que reflete sobre um momento social, no caso as intervenções dos Estados Unidos na África, é “Black Hawk Down”, do jornalista Mark Bowden, é resultado de uma iniciativa – até onde sabemos pioneira nos Estados Unidos – de seriar simultaneamente de forma impressa e digital uma grande reportagem.

“Black Hawk Down” é resultado de uma longa e vasta pesquisa feita em quatro anos a respeito da Batalha de Mogadíscio, na Somália, ocorrida em outubro de 1993. Na ocasião, uma força-tarefa estadunidense buscava pelo líder rebelde somali Mohamed Farrah Aidid e travou batalha contra a milícia de Aidid. Neste entrave, um dos principais eventos foi a queda de dois helicópteros estadunidenses chamados Black Hawk (falcão negro), e a tentativa do exército de resgatar suas respectivas tripulações.

Bowden, atualmente com quase 70 anos, na época já era um veterano correspondente do jornal *The Philadelphia Inquirer* – fundado em 1829 e o terceiro mais antigo e sobrevivente impresso diário dos EUA. Ele publicou o resultado de sua investigação interativa em 29 edições que chama de capítulos sequenciais, todos em 1997, além do *hotsite* exclusivo para esta finalidade, entrando para a história do jornalismo estadunidense como exemplo de produção jornalística seriada multimídia. O portal dispõe, até hoje, de anexação de documentos digitalizados, fotos e até áudios, incluindo participação dos leitores por meio do registro de dúvidas e opiniões.

No Brasil, a primeira série de reportagem de que se tem notícia, considerada aliás um exemplo de Jornalismo Literário, foi desenvolvida quase 100 anos após a concepção da imprensa brasileira (Martinez, 2017). Trata-se da cobertura jornalística da Guerra de Canudos (1896-1897), feita pelo engenheiro, escritor e jornalista carioca Euclides da Cunha (1866-1909), para o jornal *O Estado de S. Paulo* em 1897. Do ponto de vista social, *Os Sertões* é um marco. Do ponto de vista de reportagens seriadas, contudo, a saga dos rebeldes agricultores (com 55 documentos, entre telegramas e cartas) seria melhor definida como uma coleção de *suítes*, isto é, desdobramentos de uma matéria já publicada.

O jornalismo conta desde 2008 com uma adaptação coerente da Jornada do Herói aplicada à construção de histórias de vida realizada por Martinez (2008). Se observamos aqui esse roteiro proposto pela pesquisadora para a construção de histórias de vida em jornalismo, cada item, similar à proposta literária, amarra o enredo com clímax no meio do texto e leva o leitor até a última linha, quando o personagem alcança o objetivo. Esta proposta também tem acompanhado a estruturação de capítulos de livros, além de ser usada para composição de textos jornalísticos, narrativas biográficas e documentários.

Por outro lado, observamos que a fundamentação teórica de Grandes Reportagens (uma irmã gêmea bi-vitelina das reportagens seriadas, assim podemos dizer), assim como ambas mães dos livros-reportagem, é bastante estudada e acompanha a estruturação compilada por Lima em 2009, que o fundamenta numa crítica singular feita pela pesquisadora Cremilda Medina, que aponta duas origens para a produção:

Da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto de outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade (Medina apud Lima, 2009: 33).

Na sequência, ele menciona que, em alguns casos, o livro-reportagem é resultado da grande reportagem ou reportagens seriadas - uma iniciativa que esbarra nas dos romances oriundos dos folhetins. Tanto é que, neste âmbito, temos como exemplo recente os livros de Daniela Arbex, *Cova 312* (2015) – resultante de uma reportagem seriada publicada no jornal *Tribuna de Minas* em 2002 – e *Holocausto Brasileiro* (2013) – resultante de outra produção seriada publicada no mesmo jornal em 2011.

Criações atuantes num cenário em constante evolução, já que inúmeras iniciativas foram localizadas, como o especial de 90 anos do Grupo Folha (2011). No material, 90 reportagens premiadas e de destaque produzidas pelo veículo são listadas, sendo a primeira Reportagem Seriada mencionada de 21 de junho de 1959, intitulada “Um rio desafia o Brasil”, de Mário Mazzei Guimarães, que se trata de “série de 16 reportagens com enfoque econômico sobre a região cortada pelo rio São Francisco e suas carências. Recebeu o prêmio Esso de Jornalismo” (Folha de S. Paulo, 2011).

Seja onde for a fragmentação da notícia mostra uma crescente tendência mundial nas últimas décadas, principalmente como forma de valorização do marketing jornalístico (Paiva, 2016) – exatamente como nos primórdios dos folhetins. No entanto, até onde temos conhecimento, e após exaustiva revisão de literatura, não existia até esta pesquisa (Gapy, 2018) um estudo específico sobre a história da fragmentação da notícia em reportagens seriadas, nem um manual sobre como fazê-las (Martinez, Gapy, 2017).

---

## METODOLOGIA

---

Este estudo emprega a abordagem metodológica proposta pela francesa Laurence Bardin (2016), que oferece um conjunto de técnicas de

análise e sistematização de narrativas que é um dos mais empregados na área dos estudos em jornalismo (Martinez, Pessoni, 2015):

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de transcrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, apud Martinez; Pessoni, 2015).

Neste projeto, a metodologia da pesquisa de cada caso foi empregada em três etapas:

- 1) localização dos dez pilares do Jornalismo Literário, segundo Edvaldo Pereira Lima (Martinez, 2009; 2016), entendidos como as categorias de análise em cada uma das amostras textuais do corpus;
- 2) da associação dos currículos e métodos dos autores junto aos estudos sobre conceito, história e desenvolvimento do JL conforme Monica Martinez (2016);
- 3) análise de dados históricos da publicação (impressa e digital) e de acesso (digital) associada às possibilidades futuras e novas perspectivas, conforme nos propõe John S. Bak (2011; 2018), Martinez (2016) e Lima (2016).

---

### CORPUS

---

O corpus desta pesquisa é composto por seis (6) produções diferentes, oriundas das cinco regiões do país e mais uma produção local (Sorocaba-SP). A localização e seleção das amostras ocorreram de forma simplificada e aleatória, com o uso das palavras-chave *Série de Reportagem* e *Reportagem Seriada* no portal de buscas do Google. O material de análise é constituído por reportagens seriadas produzidas obrigatoriamente por jornalistas profissionais e publicadas em jornais impressos associados à Associação Nacional dos Jornais (ANJ) que têm portais eletrônicos oficiais atuantes, assim como páginas oficiais no site de relacionamento virtual Facebook.

Desta forma, houve reunião de arquivos em PDF das reportagens inteiras e as respectivas capas das edições impressas; dos currículos dos autores e entrevistas sobre as produções; dos históricos dos veículos e dados de acessos digitais – coletados por meio de *survey* - arquivos em PDF e documentos foram disponibilizados pelos autores; os links digitais foram lo-

calizados virtualmente; já as informações do jornal e referidas publicações foram solicitadas à direção dos veículos e enviadas por e-mail. A distribuição para análise do *corpus* foi feita por ordem cronológica da produção, observe:

1) Região Norte / amostra 1 - de junho de 2012, jornal A Crítica, de Manaus (AM), produção de Ana Celia Ossame de Figueiredo. Reportagem seriada intitulada “Profissionais do Sexo” soma seis (6) matérias e dois (2) artigos autorais divididos em três edições, um total de três páginas standard, com publicação sequencial diária - sábado, domingo e segunda-feira -, nos dias 2, 3 e 4 de junho de 2012, no caderno de Cidades.

2) Região Nordeste / amostra 2 - de dezembro de 2012 Jornal Diário de Pernambuco, Recife (PE), produção de Maria Carolina Santos. Reportagem seriada intitulada “SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião” soma 23 matérias divididas em seis (6) edições, um total de 12 páginas standard, com publicação sequencial diária - de sábado à quinta-feira -, nos dias 8, 9, 10, 11, 12 e 13 de dezembro de 2012, no caderno Viver.

3) Local / amostra 3 - de março de 2014, jornal Cruzeiro do Sul, Sorocaba (SP), produção de Daniela da Costa Jacinto. Reportagem seriada intitulada “Quilombo Os Camargo – Apagão Histórico” soma 18 matérias divididas em quatro (4) edições, um total de seis (6) páginas no formato standard, com publicação semanal - aos domingos -, nos dias 16, 23 e 30 de março e 6 de abril de 2014, no caderno Cidades.

4) Região Sul / amostra 4 - de maio de 2014, jornal Correio do Povo, Porto Alegre (RS), produção de Paulo Roberto Tavares. Reportagem seriada intitulada “Zumbis’ no Volante” soma 13 matérias e um (1) artigo autoral divididos em quatro edições, um total de cinco (5) páginas no formato tabloide, com publicação sequencial diária - domingo, segunda, terça e quarta-feira -, nos dias 4, 5, 6 e 7 de maio de 2014, no caderno Especial.

5) Região Sudeste / amostra 5 - de novembro de 2014, jornal Tribuna de Minas, Juiz de Fora (MG), produção de Daniela Arbex. Reportagem seriada intitulada “Vidas Roubadas” soma 15 matérias divididas em cinco (5) edições, um total de seis (6) páginas standard, com publicação sequencial alternada - domingo, terça, quarta, sexta e terça-feira -, nos dias 2, 4, 5, 7 e 11 de novembro de 2014, no caderno Geral.

6) Região Centro-Oeste / amostra 6 - de julho de 2018, jornal Correio Braziliense, Brasília (DF), produção de Guilherme Goulart e Jéssica Eufrásio, com edição de Guilherme Goulart. Reportagem seriada intitulada “Conexão Brasília” soma 19 matérias e oito (8) artigos autorais divididos em oito (8) edições, um total de dez (10) páginas standard, com publicação sequencial diária - de domingo a domingo -, nos dias 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22 de julho de 2018, no caderno de Cidades.

Daniela Arbex escreveu sobre a deinstitutionalização manicomial mineira; Daniela Jacinto a trajetória de comunidade Quilombola paulista; Guilherme Goulart sobre a história da mobilidade brasileira; e Paulo Tavares sobre os perigos que caminhoneiros enfrentam sem legislação e fiscalização nas estradas. Todas as narrativas são transformadoras, mas focadas na universalidade de sentimentos, apoiadas principalmente em dramas humanos.

Gráfico 1 – Dez pilares x peças.

## ANÁLISES

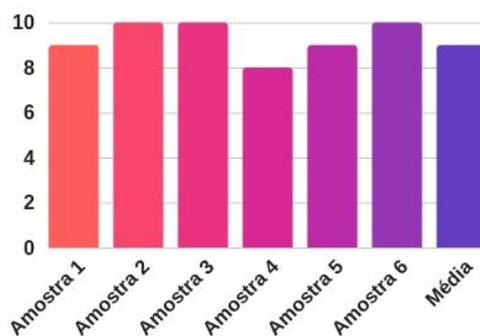
### 1) Localização dos dez pilares do Jornalismo Literário

O primeiro resultado alcançado aponta para o uso intuitivo dos pilares propostos por Lima (2009) em 100% das peças. Dentre os dez pilares por ele listados (1. Exatidão e precisão; 2. Contar uma história; 3. Humanização; 4. Compreensão; 5. Universalização temática; 6. Estilo próprio e voz autoral; 7. Imersão; 8. Simbolismo; 9. Criatividade; 10. Responsabilidade ética), observamos que os mais usados, mais de uma vez e em quase todos os textos, são os da imersão, exatidão, compreensão e humanização.

Enquanto o menos usado é o do simbolismo. Somados os números de pilares localizados nos textos das seis amostras e relacionando-os aos dez (10) listados por Lima (2009), o resultado é que 9,34 deles são utilizados para desenvolvimento dos textos. Importante destacar que todas as produções têm pauta de cunho social, desenvolvidas na localidade do jornal, com personagens locais.

Ana Célia Ossame optou por falar da prostituição em Manaus (AM); Maria Carolina Santos escreveu sobre a trajetória do Rei do Baião, em Pernambuco;

Relação das amostras com os 10 pilares do JL



Fonte: *Elaboração própria.*

### 2) Associação dos currículos, métodos dos autores e desenvolvimento

Este estudo mostra o uso dos pilares é intuitivo por parte de todos porque nenhum dos autores tem especialização para desenvolvimento ou estudos acadêmicos a respeito do Jornalismo Literário, conforme Lima (2009) e Bak (2018) nos propõem. Entre os seis profissionais que tiveram a carreira analisada, quatro têm especializações, mas não em Jornalismo Literário: Figueiredo em Marketing; Jacinto em Arte e Cultura,

Quadro 1 : Perfil profissional dos autores e desempenho com as amostras.

Nome	Idade	Carreira	Formação	Concepção e atuação	Pauta
1ª FIGUEIREDO	50 anos	27 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Social
2ª SANTOS	29 anos	7 anos	Graduada	Livre/exclusivo	Sociocultural
3ª JACINTO	38 anos	18 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Social
4ª TAVARES	51 anos	30 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Social
5ª ARBEX	41 anos	19 anos	Graduada	Livre/exclusivo	Social
6ª GOULART	42 anos	22 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Socioeconômico
M	42anos	20,5 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Social

Fonte: *Elaboração própria.*

além de dupla graduação; Tavares em Ciências Políticas e Goulart em Técnicas de Entrevista e Assessoria de Imprensa.

Já Santos e Arbex, apesar de não terem especialização, têm carreira voltada ao desenvolvimento de peças associadas às técnicas literárias. Santos desenvolve sites de conteúdo cultural e Arbex escreve livros-reportagem desde 2012. Entre esses profissionais foi observado um perfil padrão, a saber idade média de 42 anos e ao menos 20 anos de carreira.

Essa experiência na reportagem seriada estaria, portanto, atrelada ao tempo de carreira, idade biológica, preparação educacional e perfil profissional. O que sugere autonomia, uma vez que todos os jornalistas relataram desfrutar de liberdade para conceber a pauta. Daniela Jacinto, por exemplo, disse que se pautou ao verificar que o assunto rendia mais que um registro e encabeçou um embate com o editor (Jacinto, 2018).

Carolina Santos, sabendo que o jornal dispunha de equipe específica para produções especiais, se antecipou estrategicamente e desenhou a Reportagem Seriada, desde a pauta, a pesquisa, até o tempo de desenvolvimento e disposição para publicação, com criação do *hotsite* exclusivo (Santos, 2018). Como repórter espe-

cial, Daniela Arbex tem a possibilidade de desenvolver as pautas que desejar, da forma como puder.

No entanto, dentre todos profissionais, Arbex foi a que mais alçou voos altos em produções de fôlego na carreira – muito provavelmente pelo casamento de perfil pessoal com o fato de trabalhar num jornal pequeno – com apenas 10 mil exemplares diários para uma cidade de 250 mil habitantes, enquanto o *Correio Braziliense*, por exemplo, soma 56 mil assinantes, sediado na capital do país, com quase 3 milhões de moradores -, como ela mesma concorda (Arbex, 2018).

Outro achado interessante da pesquisa é que exceto Arbex e, parcialmente, Santos, que teve algum tempo para desenvolver a peça com exclusividade, os demais jornalistas tiveram que produzir a Reportagem Seriada em simultâneo com a demanda diária do jornal impresso. O que significa que se anteciparam e/ou não tinham data específica para publicação, com temas atemporais, podendo assim desenvolvê-las a seu tempo e modo. Sinalizando que é possível (e talvez melhor) que os temas tratados sejam atemporais e locais, já que viagens longas e distantes demandam tempo e dinheiro, além de sobrecarregar à equipe (em geral enxuta) que fica na redação (Vilas-Boas, 2016).

**Quadro 2 :** Perfil dos jornais localizados e analisados.

REGIÃO	JORNAL	FUNDAÇÃO	ASSINANTES/ TIRAGEM	FACEBOOK	ACESSOS PORTAL
1ª NORTE Manaus (AM)	A Crítica	19/04/1949 69 anos	25 mil / 35 mil (semana / final de semana)	471.872 segui- dores	4 milhões ao mês
2ª NORDESTE Recife (PE)	Diário de Pernambuco	07/11/1825 193 anos	16 mil do im- presso; 2 mil online	1.352.208 seguidores	2 milhões ao mês
3ª LOCAL Sorocaba (SP)	Jornal Cruzeiro do Sul	12/06/1903 115 anos	17.204	280.588 seguidores	3,5 milhões ao mês
4ª SUL Porto Alegre (RS)	Correio do Povo	01/10/1895 123 anos	-	405.909 seguidores	-
5ª SUDESTE Juiz de Fora (MG)	Tribuna de Minas	01/09/1981 37 anos	10 mil / 15 mil (semana / do- mingos)	256.927 seguidores	-
6ª CENTRO-OESTE Brasília (DF)	Correio Brazil- iense	21/04/1960 58 anos	56 mil (26 mil –im- presso / 35 mil online)	725.649 segui- dores	50 milhões ao mês

Fonte: Elaboração própria.

## Resumo de perfil dos jornalistas e desempenho das pautas:

- média de 42 anos de idade;
- média de 20 anos de carreira;
- profissional especializado;
- com liberdade de criação;
- pautas de cunho social;
- com narrativas de transformação.

Apesar de cada profissional ter suas especificidades nos quesitos história de vida e meio de atuação (incluindo o geográfico), ele/ela está atento às necessidades de sua empresa jornalística. Ainda assim, todos trabalharam em pautas que primam pelas narrativas de transformação, isto é, optaram por temas de cunho social e desenvolvimento humano, com inclinação a desfechos esperançosos ou com sugestões de soluções sociais (Lima, 2019), exatamente como nos propõem as narrativas de transformação (Lima, 2009), como substituição, pobreza, mobilidade, emprego, doenças mentais, comunidade quilombola, acidentes de trânsito.

### 3) Análise de dados históricos da publicação

Neste processo de análise é preciso pensar que, ao avaliar o perfil geral dos jornais com produções estudadas, foi possível perceber que quatro estão em capitais, sendo apenas um deles o veículo principal da cidade, como o caso do *Correio Braziliense*, em Brasília (DF). Os outros três, *A Crítica*, de Manaus (AM); *Diário de Pernambuco*, no Recife (PE); e *Correio do Povo*, de Porto Alegre (RS), apesar de estarem nos grandes centros, não são os líderes em suas respectivas localidades – o que nos sugere um hiato entre produção e comércio. Mas são veículos que carregam números e perfis

próximos, ocupando todos o segundo lugar em produção e venda local, de acordo com seus representantes.

Já o jornal *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba (SP), e a *Tribuna de Minas*, em Juiz de Fora (MG), localizados no Sudeste do país, são jornais próximos das capitais e similares, em números e atuações, além de líderes em suas localidades. Com relação aos limites do estudo, destacamos a falta de alguns dados, que não foram fornecidos pelas instituições jornalísticas, como a *Tribuna de Minas* e o *Correio do Povo*, que não nos passaram o número de acesso aos links e média de visualizações no portal ao mês. Outra questão importante é que os dados dos portais do A Crítica e do Diário de Pernambuco não são absolutos, visto que ambos foram reformulados em 2014 e 2015, respectivamente.

Ainda assim o quadro 3, acima, nos traz achados importantes. Como o de que as produções de Reportagens Seriadas contam com cerca de 15 textos desenvolvidos e que 50% delas se valem de artigos autorais a mais (feitos pela comunidade) para ampliação dos assuntos, produção dividida na média 4,8 edições.

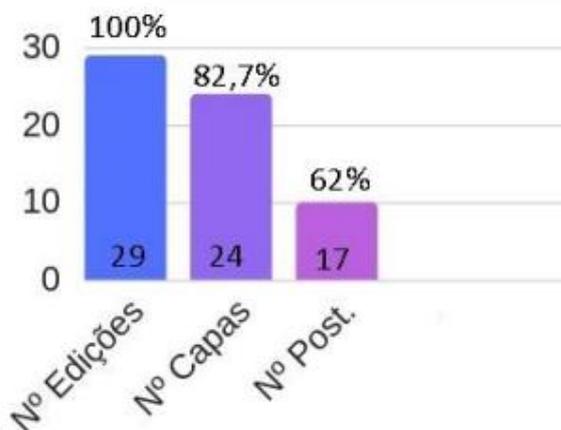
Outros dois achados de destaque são que 82,7% das edições contam com chamadas na capa do jornal impresso – evidenciando que 17,3% são esquecidas ou ficam a mercê de espaços diários; o outro é que apenas 62% das edições com links criados contam com postagens no Facebook – que poderia se valer da disseminação gratuita para quantificar os acessos, visto que, nos dados atuais, os jornais têm média de 20 mil impressos diários (com exceção do Correio do Povo, que não passou dado) e cerca de meio milhão de seguidores no Facebook, o que possivelmente alavanca o número de acessos ao portal, se comparado ao número de assinantes do impresso.

Quadro 3 : Perfil do desempenho das amostras.

Amostras	Ano	Edições	Chamadas De Capa	Textos	Post. Face-book	Envol. Face-book	Link/Portal	Acessos/Portal
1ª Norte	2012	3	Nenhuma	6 + 2art.	2	17	3	725 (+2014)
2ª Nordeste	2012	5	5	23	4	1.146	1	200 mil (+2014)
3ª local	2014	4	4	18	1	204	4	395
4ª Sul	2014	4	4	13 + 1 art.	3	3	4	–
5ª Sudeste	2014	5	4	15	4	39.434	5	445 *
6ª Centro-Oeste	2018	8	7	19 + 8 art.	4	1.744	1	17.500
Média		4,83	82,7%**	15,5 + 50% art.	62%***	-	-	-

Fonte: Elaboração própria. \*A amostra produziu cinco edições e cinco links, mas o jornal informou o número de acesso apenas em três deles. \*\*O número de chamadas de capa foi comparado ao número de edições impressas. \*\*\*O número de postagens também foi comparado ao número de edições do impresso.

Gráfico 2 : Edições e divulgações.



Fonte: Elaboração própria. O número de edições é composto pela reunião de todas as edições das seis peças analisadas; o número de capas é a somatória de quantas edições contaram com chamada nas respectivas capas dos impressos; o número de post é composto pelo número de edições que tiveram chamadas na página oficial do jornal no Facebook.

Como resultado, percebe-se que as produções de reportagens seriadas não foram observadas nos grandes veículos, porém em empresas de tradição que a seu modo buscam sobreviver do mercado contemporâneo impresso jornalístico. Assim, 66% das amostras ainda buscaram pela divulgação dos materiais de singular e profundo desenvolvimento, com chamadas na capa e postagens na página do Facebook – enquanto *Cruzeiro do Sul* e *A Crítica* dependem da divulgação exclusiva da iniciativa do repórter. Em contrapartida, também observamos que dentre as produções avaliadas, a maioria (quatro) ainda não despertou totalmente para a urgência em atender o leitor-internauta (demanda virtual) e, por essa razão, não se atenta à vinculação eficaz do produto com o consumidor, mostrando negligência com as chamadas de capa impressa e design editorial para identificação e fidelização por meio de avisos se-quenciais igualmente digitais.

Já o *Correio Braziliense* e o *Diario de Pernambuco* se mostram à frente de seu tempo, exatamente como fez e afirmou Bowden em *Black Hawk Down*, publicada pelo *The Philadelphia Inquirer* em 1997. Também se notou que não há preocupação integral com a associação do impresso com a versão online do jornal, impedindo que o grande público (evidente nos números de acessos aos portais e seguidores do Facebook) associe a produção como um todo, porém seriado. Por último, percebemos que não há também um desempenho comercial rápido e eficaz, com iniciativas organizadas, de contribuição para desenvolvimento dessas produções, principalmente as digitais, que poderiam contar com propagandas em longo prazo, financiando o ciclo de produção similar.

## CONCLUSÕES

Este estudo buscou analisar como a Reportagem Seriada é desenvolvida por jornalistas profissionais da imprensa escrita brasileira em amostras oriundas de veículos regularmente associados da ANJ e quem dispõem de publicações impressas e digitais.

Destacamos a importância de um termo mais preciso, como o Reportagem Seriada proposto, que é entendido como a principal contribuição desta pesquisa. Isto porque a localização das peças para análise foi morosa e difícil, primeiramente devido à inexistência de associação da produção com o termo conceitualmente utilizado, Série de Reportagem, nos canais de busca e portais jornalísticos, e a falta de organização e vinculação entre as produções impressa e digital.

Desta forma, destacamos que a segunda principal contribuição deste estudo consiste justamente no desenho desta metodologia exploratória de análise. Ao todo, seis peças foram localizadas, uma de cada região do país e uma de Sorocaba (SP), onde a pesquisa está situada. As produções somam 29 textos, igualmente produzidos por jornalistas profissionais, em veículos regulares que dispõem de produtos impressos e digitais.

A partir das análises, localizamos a relação entre o Jornalismo Literário e as seis amostras de reportagens seriadas. Dentre os dez pilares listados por Lima (2009) –, 1. Exatidão e precisão; 2. Contar uma história; 3. Humanização; 4. Compreensão; 5. Universalização temática; 6. Estilo próprio e voz autoral; 7. Imersão; 8. Simbolismo; 9. Criatividade; 10. Responsabilidade ética – observamos que 9,34 deles foram desenvolvidos nos textos analisados.

Os pilares mais utilizados, mais de uma vez e em quase todos os textos, são os da imersão, exatidão, compreensão e humanização. Enquanto o menos usado é o do simbolismo. Importante ressaltar o perfil das pautas, compostas por cunho social, desenvolvidas na localidade do jornal, com personagens locais. O que nos remete ao 10º pilar de Lima, ou seja, Responsabilidade Ética - “último princípio filosófico apontado por Lima é a habilidade de responder de forma ética às complexas demandas sociais de nosso tempo. ‘O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disso’ (Lima, 2009, p. 389, apud Martinez, 2016, p. 48).

As temáticas são prostituição, pobreza, emprego, doenças mentais, descendentes de escravos e operários (todos os textos contam com personagens que têm trajetórias expostas, nem todas superadas, mas a narrativa expõe soluções, como formação de organizações

não-governamentais e legislação de apoio às ex-prostitutas) -, mas focadas na universalidade de sentimentos, apoiadas principalmente em dramas humanos.

Os resultados apontam para o desempenho do JL em Reportagens Seriadas, que contam com textos majoritariamente pautados pela narrativa de transformação, isto é, preocupada com temas sociais. Que as pautas foram desenvolvidas majoritariamente de forma autônoma por profissionais experientes. As produções contam com média de 15 textos distribuídos em quase cinco edições sequenciais, mas que cada edição conta com produções da comunidade também como mecanismo de participação.

Para finalizar, concluímos que os resultados apontam que a reportagem seriada pode ser uma forma importante de os jornalistas cativarem suas/eus leitora/es para temas de impacto social, como direitos humanos e equidade de gênero, entre outros.

---

Submetido em 1 de dezembro de 2019  
Aceito em 11 de dezembro de 2020

## NOTES

---

<sup>1</sup> Doutoranda e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso), especialista em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) e jornalista pela Universidade de Sorocaba (Uniso). E-mail: leila.gapy@hotmail.com.

<sup>2</sup> Resultados oriundos da dissertação Ponto e Vínculo – Reportagens Seriadas em Jornalismo Literário, defendida em novembro

de 2018 pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso). Doutora em Ciências da Comunicação, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso), líder do Grupo de Pesquisas em Narrativas Midiáticas (Nami) e pesquisadora em narrativas midiáticas transnacionais. E-mail: monica.martinez@prof.uniso.br.

## REFERÊNCIAS

- Andretta, C. (2008). *O jornalismo e a literatura em três romances-reportagens*. Universidade de Campinas. Recuperado de <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270252>.
- Andretta, C. (2013). *A ideia de literatura nos romances do Novo Jornalismo*. Universidade de Campinas. Recuperado de <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269903>.
- Arbex, D. (mensagem pessoal, 10 ago. 2018) com informações sobre reportagem seriada e currículo.
- Bakhtin, M. M. (1998). *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec.
- Bak, J. S. (2018). "Literary Journalism as an academic discipline: weighing the pros and cons". In *16o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)*. São Paulo: SBPJor. Recuperado de <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1453/681>
- Bak, J. S. (2017). "Rumo a uma definição de jornalismo literário internacional". *Brazilian Journalism Research*, 13(3), 230–255. Recuperado de <https://bjr.sbpjour.org.br/bjr/issue/view/50/showToc>
- Bak, J. S., & Martinez, M. (2018). "Introduction: Literary Journalism as a Discipline". *Brazilian Journalism Research*, 14(3), 620–627. <https://doi.org/10.25200/BJR.v14n3.2018.1163>.
- Bak, J. S., & Reynolds, B. (2011). *Literary journalism across the globe: journalistic traditions and transnational influences*. Boston: Massachusetts Press.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bowden, M. (1999). *Black Hawk down: a story of modern war*. New American Library. New York, New York.
- Bowden, M. (2018, 20 set.). *Black Hawk Down Project*. The Philadelphia Inquirer. Recuperado de <http://inquirer.philly.com/packages/somalia/sitemap.asp>
- Campbell, Joseph. (1995). *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Pensamento.
- Capote, Truman. (2018, 5 jul.). In *Cold Blood*. *New Yorker*. Recuperado de <https://www.newyorker.com/magazine/1965/09/25/in-cold-blood-the-last-to-see-them-alive>
- Domingues, J. (2016, 27 abr.). 11ª Conferência Internacional de Estudos em Jornalismo Literário. Recuperado Mai 28, 2017, de <https://www.pucrs.br/blog/evento/11a-conferencia-internacional-de-estudos-em-jornalismo-literario/>
- Figueiredo, A. C. Ossame (mensagem pessoal, 23 out. 2018) com informações sobre reportagem seriada.
- Folha de S.Paulo. (2018). *Manual de Redação: As normas de escrita e conduta do principal jornal do país*. São Paulo, Publifolha.
- Furtado, T. H. (2018). "A escrita é nudez: as histórias de Isabel Soares". *Revista Observatório*, 4(6), 141–159. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p141>
- Gapy, L. (2018). *Ponto e Vínculo: jornalismo literário e reportagens seriadas*. Sorocaba, SP - Universidade de Sorocaba. Recuperado de <http://comunicacaoecultura.uniso.br/producao-discente/2018/pdf/leila-paiva.pdf>
- Gapy, L., & Martinez, M. (2017). Jornalismo Literário e Reportagens Seriadas: mecanismos de buscas - Google Acadêmico vs Periódicos Capes. In *XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Curitiba, PR: Intercom. Recuperado de <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2169-1.pdf>
- Gapy, L., & Martinez, M. (2017). "O Jornalismo Literário em Séries de Reportagens: Revisão de literatura sobre produções acadêmicas". In *10º Encontro de Pesquisadores em Comunicação (Epecom)*. Sorocaba, SP: Universidade de Sorocaba. Recuperado de [http://comunicacaoecultura.uniso.br/programa/anais/2019/Epecom%202019\\_Anais.pdf](http://comunicacaoecultura.uniso.br/programa/anais/2019/Epecom%202019_Anais.pdf)
- Paiva, L. P. G., & Martinez, M. (2018). "Jornalismo Literário em Séries de Reportagens: Relevância do Google Acadêmico para pesquisas científicas". *Pauta Geral*, 5(1), 115–134. <https://doi.org/10.5212/RevistaPautaGeral.v.5.i1.0008>
- Goulart, G. (mensagem pessoal 10 ago. 2018) com informações sobre reportagem seriada e currículo.
- Hartsock, J. C. (2000). *A History of American Literary Journalism*. Boston, Massachusetts Press.
- Jacinto, D. (mensagem pessoal 17 jul. 2018) com informações sobre reportagem seriada e currículo.
- Kramer, M., & Sims, N. (1995). *Literary journalism: a new collection of the best American nonfiction*. New York: Ballantine Books.
- Kramer, M. (1995). *Breakable rules for literary Journalists*. New York: Ballantine Books, 1995.
- Lima, E. P. (2009). Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole.
- Lima, E. P. (2010). *Jornalismo literário para iniciantes*. São Paulo: Clube de Autores.
- Lima, E. P. (2019). "Jornalismo Literário e Jornalismo de Soluções: proposta para diálogo para fertilização mútuas". In: *17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)*. Goiânia, GO: SBPJor. Recuperado de <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/2044/1162>
- Martinez, M. (2016). *Jornalismo literário: tradição e inovação*. Florianópolis: Insular.
- Martinez, M. (2017). *Jornalismo literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas*. Intercom - RBCC, São Paulo, v. 40, n. 3, p.21-36, set./dez.
- Martinez, M., & Personi, A. (2015). "O uso da análise de conteúdo na Intercom: pesquisas feitas com o método (1996 a 2012)". In: Thaís de Mendonça Jorge. (Org.). *Notícia em fragmentos: o desafio de aplicar a análise de conteúdo ao jornalismo digital*. 1ed. Brasília: UnB, v. 1, p. 299-315.
- Martinez, M. (2008). *Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em Jornalismo*. São Paulo: Fapesp/Anablume.
- Martinez, M. (2017). "Jornalismo literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas". *Intercom: Revista Brasileira de Ciências Da Comunicação*, 40(3), 21–36. <https://doi.org/10.1590/1809-5844201732>

- Martinez, M. (2009). “Jornalismo literário: a realidade de forma autoral e humanizada”. *Estudos Em Jornalismo e Mídia*, 6(1), 71–83. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71>
- Medina, C. (2003). *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus.
- Medina, C. (1988). *Notícia: um produto à venda*. São Paulo: Summus.
- Meyer, M. (1996). *Folhetim, uma história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Santos, M. C. (mensagem pessoal 23 out. 2018) com informações sobre reportagem seriada e currículo.
- Soares, I. (2011). “Literary Journalism’s Magnetic Pull: Britain’s ‘New’ Journalism and the Portuguese at the Fin-de-Siècle”. In *Literary journalism across the globe: journalistic traditions and transnational influences* (p. 29–44). Amherst, Boston: University of Massachusetts Press.
- Souza Júnior, L. R. (2011). “A influência inconfessável: Como o folhetim formou o romance brasileiro”. In: *IX Seminário Internacional de História da Literatura*. Porto Alegre, RS. Recuperado de <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/64.pdf>. (5 ago. 2018).
- Tavares, P. R.. (mensagem pessoal 20 set. 2018) com informações sobre reportagem seriada e currículo.
- Tinhorão, J. R. (1994). *Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades.
- Vogler, C. (2015). *A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores*. São Paulo: Aleph.
- Weinhardt, M. (2010). “Considerações sobre o romance histórico”. *Revista Letras*, 43. <https://doi.org/10.5380/rel.v43i0.19095>
- Wolfe, T. (2005). *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Yuge, C. (2018). “Executivo da Netflix confirma intenção de investir em mais séries nacionais”. Recuperado em ago. 28, 2018 de <https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/130460-executivo-netflix-confirma-intencao-investir-series-nacionais.htm>.



**Reportagens seriadas e jornalismo literário: um espaço de narrativas que apontam soluções sociais**

**Reportages en série et journalisme littéraire: un espace ouvert aux récits socialement engagés**

**Series of reportages literary journalism: a welcoming space for socially engaged narratives.**

**Pt.** Este trabalho discute os resultados de pesquisa de mestrado que investigou como a Reportagem Seriada é praticada por jornalistas profissionais da imprensa nacional escrita. O referencial teórico contempla os estudos em Jornalismo Literário (Bak; Martinez, 2018; Martinez, 2018; Bak; Reynolds, 2011; Lima, 2009) e em Reportagens Seriadas (Souza Júnior, 2011; Meyer, 1996; Andretta, 2008, 2013; Gapy, 2018). Do ponto de vista metodológico, emprega revisão de literatura e análise de conteúdo (Bardin, 2016). Devido à dificuldade de rastreamento das peças, percebeu-se a necessidade de se repensar a noção conceitual porque o termo até então usado, Série de Reportagens, remetia à localização de produções de suítes ou às coleções de matérias sobre um único assunto publicadas como uma grande reportagem numa única edição (Gapy, 2019). O que nos levou a optar pelo termo Reportagem Seriada por entender que este não leva a dúvidas relacionadas às suítes ou grandes reportagens -- o que é entendido como uma das duas principais contribuições deste estudo. A segunda contribuição, a nosso ver, é a metodologia exploratória desenhada para esta análise. Desta forma, o *corpus* consistiu em um jornal de cada uma das cinco regiões brasileiras, mais um diário local: 1) Região Norte – A Crítica, de Manaus (AM); 2) Região Nordeste: Diário de Pernambuco, Recife (PE); Local – Cruzeiro do Sul, Sorocaba (SP); 4) Região Sul – Correio do Povo, Porto Alegre (RS); 5) Região Sudeste – Tribuna de Minas, Juiz de Fora (MG); 6) Região Centro-Oeste - Correio Braziliense, Brasília (DF). Além da sugestão de termo e metodologia empregados, os resultados apontam a falta de planejamento que permeia o processo produtivo, da proposta de reportagens seriadas por repórteres/editores à divulgação das mesmas nos veículos. Os achados também ressaltam que os jornalistas estão usando esse espaço para propor pautas que primam pelas narrativas de transformação, optando por temas de cunho social e desenvolvimento humano.

**Palavras-chave:** Comunicação. Jornalismo Literário. Jornalismo impresso. Jornalismo digital. Reportagens Seriadas.

**Fr.** Cet article présente les résultats d'une recherche de mémoire de master qui a pour objectif de comprendre comment le reportage en série est pratiqué par les journalistes professionnels dans la presse écrite brésilienne. Le cadre théorique engage les études en journalisme littéraire (Bak ; Martinez, 2018 ; Martinez, 2018 ; Bak ; Reynolds, 2011 ; Lima, 2009) et en reportage sériel (Souza Júnior, 2011 ; Meyer, 1996 ; Andretta, 2008, 2013 ; Gapy, 2018). D'un point de vue méthodologique, la recherche s'appuie sur une revue de littérature et sur une analyse de contenu (Bardin, 2016). La difficulté d'accès aux productions sur le sujet a révélé la nécessité de renommer le concept. En effet, le terme « série de reportages », employé jusqu'alors, nous renvoyait plutôt à la localisation de productions en série ou de collections de récits sur un même sujet, publiées en tant que grand reportage en une seule édition (Gapy, 2019). Ainsi, nous avons choisi le terme *Reportagem Seriada* (reportage en série/reportage sériel), de façon à le distinguer des dossiers ou des grands reportages, cette redéfinition terminologique étant perçue comme le premier apport principal de cette recherche. Le deuxième, à notre avis, renvoie à la méthodologie exploratoire conçue pour l'analyse. Le corpus se compose d'un journal de chacune des cinq régions du Brésil, et d'un seul quotidien local (*Cruzeiro do Sul*, Sorocaba – São Paulo) : 1) Région Nord - *A Crítica*, de Manaus (Amazonas) ; 2) Région Nord-Est - *Diário de Pernambuco*, Recife (Pernambuco) ; 4) Région Sud - *Correio do Povo*, Porto Alegre (Rio Grande do Sul) ; 5) Région Sud-Est - *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora (Minas Gerais) ; 6) Région Centre-Ouest - *Correio Bra-*

*ziliense*, Brasília (District Fédéral). Au-delà de cette redéfinition conceptuelle et de la spécificité de la méthodologie employée, les résultats soulignent le manque de planification du processus de production, de la proposition des reportages en série par les reporters/rédacteurs à leur diffusion par les médias. Les résultats montrent également que les journalistes profitent de cette modalité pour proposer des récits de transformation, en y insérant des sujets sociaux et de développement humain.

**Mots clés :** Communication. Journalisme littéraire. Journalisme imprimé. Journalisme numérique. Reportages en série.

**En** • The article presents the conclusions drawn from a graduate thesis aimed at understanding the practices of serial reportage by professional journalists in the Brazilian print press. The theoretical framework draws on studies in literary journalism (Bak ; Martinez, 2018 ; Martinez, 2018 ; Bak ; Reynolds, 2011 ; Lima, 2009) and serial reportage (Souza Júnior, 2011 ; Meyer, 1996 ; Andretta, 2008, 2013 ; Gapy, 2018). The methodology of the study consists in a bibliographical review and content analysis (Bardin, 2016). Difficulties in finding productions on this topic led to redefine the concept. The term « Série de Reportagens » referred indeed to a localized serial production or collection of narratives on one topic, published as a grand reportage in one issue (Gapy, 2019). Instead, we want to introduce the term *Reportagem Seriada* (series of reportages / serial reportage), making a distinction with sequels or grand reportage. This constitutes the main critical contribution of the study, along with the exploratory methodology developed for the analysis. The corpus consists in five newspapers from the five federal regions in Brazil, and one local daily newspaper (*Cruzeiro do Sul*, Sorocaba – São Paulo) : 1) Northern region - *A Crítica*, from Manaus (Amazonas) ; 2) North-eastern region - *Diário de Pernambuco*, Recife (Pernambuco) ; 3) Southern region - *Correio do Povo*, Porto Alegre (Rio Grande do Sul) ; 4) South-eastern region - *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora (Minas Gerais) ; 5) Central-western region - *Correio Braziliense*, Brasília (Federal District). In parallel to redefining the concept and the specificity of the methodology deployed, conclusions underline a lack of programming in the production process – from the pitching serial reportage by reporters to its dissemination in the media. Conclusions also shed light on how journalists use these work processes to push forward social and human development narratives.

**Key words:** communication, literary journalism, print press, digital journalism, serial reportage.

